

## O QUE NOS TORNA HUMANOS: O VESTÍGIO MATERIAL DOS RITUAIS FÚNEBRES

## LO QUE NOS HACE HUMANOS: LA HUELLA MATERIAL DE LOS RITUALES FUNERARIOS

## WHAT MAKES US HUMAN: THE MATERIAL TRACE OF FUNERAL RITUALS

Recebido em: 20/10/2024

Aceito em: 20/11/2024

Publicado em: 28/12/2024

Camila Diogo de Souza<sup>1</sup>  
Universidade Federal Fluminense

**Resumo:** Esta breve reflexão tem como objetivo discutir as práticas funerárias como um dos aspectos fundamentais dos distintivos de humanidade. Os rituais fúnebres constituem ações executadas pelos vivos em relação à morte e aos mortos dotadas de elementos simbólicos que fazem parte de um mundo abstrato e são também atribuídas de significados que abrangem aspirações, interesses, ideologias e manipulações que apenas os seres humanos constroem no processo inevitável do morrer. A Arqueologia Funerária possui como objetivo estudar os resíduos materiais dessas práticas a fim de tentar alcançar seus usos e funções e compreender o mundo dos vivos. A disciplina utiliza-se, atualmente, de um arcabouço teórico e um conjunto de métodos e técnicas próprias adequadas ao seu objeto de estudo, o contexto funerário. Tais parâmetros são sempre multidisciplinares, pois os sepultamentos abrangem vestígios arqueológicos de natureza diversificada e multifacetada que demonstra o grande potencial e, simultaneamente, o desafio interpretativo da semântica polissêmica da materialidade da morte. Apontamos, finalmente, que, apesar da grande variabilidade das práticas funerárias entre as sociedades do passado, a busca incessante pela perpetuação da memória individual e coletiva enquanto tentativa de evitar a aniquilação inevitável da existência material do ser, talvez, seja um dos aspectos simbólicos mais representativo que defina o fio condutor imutável e perdurável daquilo que nos torna humanos.

**Palavras-chave:** Rituais Fúnebres; Arqueologia Funerária; Humanidade; Memória e Identidade.

**Resumen:** Esta breve reflexión tiene como objetivo discutir las prácticas funerarias como uno de los aspectos fundamentales de los rasgos distintivos de la humanidad. Los rituales funerarios constituyen acciones que realizan los vivos en relación con la muerte y los muertos, dotados de elementos simbólicos que forman parte de un mundo abstracto y además se les atribuyen significados que abarcan aspiraciones, intereses, ideologías y manipulaciones que sólo los seres humanos construyen en lo inevitable proceso de morir. La Arqueología Funeraria pretende estudiar los residuos materiales de estas prácticas para intentar llegar a sus usos y funciones y comprender el mundo de los vivos. La disciplina utiliza actualmente un marco teórico y un conjunto de métodos y técnicas adecuados a su objeto de estudio, el contexto funerario. Dichos parámetros son siempre multidisciplinares, ya que los entierros abarcan restos arqueológicos de naturaleza diversa y multifacética que demuestran el gran potencial y, simultáneamente, el desafío interpretativo de la semántica polisémica de la materialidad de la muerte. Señalamos, finalmente, que, a pesar de la gran variabilidad de las prácticas funerarias entre sociedades pasadas, la búsqueda incesante de la perpetuación de la memoria individual y colectiva como intento de evitar la inevitable aniquilación de la existencia material del ser, quizás, sea uno de los aspectos simbólicos más representativos que define el hilo inmutable y perdurable de lo que nos hace humanos.

**Palabras-chaves:** Rituales Funerarios; Arqueología Funeraria; Humanidad, Memoria e Identidad.

<sup>1</sup> Pós-doutoranda Sênior e Professora Visitante do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de História da Universidade Federal Fluminense (ITH/UFF); Professora Visitante do Centro de Antropologia e Arqueologia Forense (CAAF) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e Coordenadora do laboratório de análises do Grupo de Trabalho Perus (GTP), Pós-Doutorado, Doutorado e Mestrado em Arqueologia Clássica pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP) e Pós-Doutorado em Proto-histoire égéenne na Maison René Ginouvès (Archéologie et Ethnologie) da Université de Paris X (Nanterre, França). Pesquisadora da École Française d'Athènes (EfA) encarregada do dossiê "Les Tombes Géométriques d'Argos II", a ser publicado em 2025. Email: caumilasouza@gmail.com.

**Abstract:** This brief reflection aims to discuss funerary practices as one of the fundamental aspects of distinctive features of humanity. Funerary rituals are actions performed by the living in relation to death and the dead, composed by symbolic elements that are part of an abstract world and are also attributed meanings that encompass aspirations, interests, ideologies and manipulations that only human beings construct in the inevitable process of dying. Funerary Archaeology aims to study the material remains of these practices in order to attempt to reach their uses and functions and understand the world of the living. The discipline currently uses a theoretical framework and a set of methods and techniques appropriate to its object of study, the funerary context. Such parameters are always multidisciplinary, since burials consists of archaeological remains of a diverse and multifaceted nature that demonstrate the great potential and, simultaneously, the interpretative challenge of the polysemic semantics of the materiality of death. We finally point out that, despite the great variability of funeral practices among past societies, the incessant search for the perpetuation of individual and collective memory as an attempt to avoid the inevitable annihilation of the material existence of the being is, perhaps, one of the most representative symbolic aspects that defines the immutable and lasting guiding thread of what makes us human.

**Keyword:** Funeral Rituals; Funerary Archaeology; Humanity; Memory and Identity.

## INTRODUÇÃO

Muitos aspectos hoje são debatidos para nos definir e distinguir enquanto seres humanos. O termo amplamente empregado é humanidade. Palavra difícil de conceituar que se tornou tema central entre Biólogos, Psicólogos, Historiadores, Antropólogos, Sociólogos, Arqueólogos e especialistas de campos do conhecimento científico mais diversificados para entender características intrínsecas aos seres humanos e ao gênero *Homo* (NEVES *et al.*, 2020).

Contudo, até hoje as definições mais racionalistas e mais explanatórias das diferentes áreas das ciências com suas bases bem fundamentadas experimentadas e comprovadas materialmente ainda não conseguiram alcançar um consenso ou explicações 100% satisfatórias (NEVES *et al.*, 2020).

Eu mesma, complementemente arraigada na ciência Arqueológica enquanto fato e fundamentada na materialidade, encontro minhas dificuldades em definir precisamente em itens como se fosse uma lista (ou um checklist) de qualificativos observáveis de humanidade que pudesse ser verificada e quantificada e, conforme a identificação ou a porcentagem atingida, a classificação “humano” pudesse ser aplicada ou atribuída a um determinado ser; o denominado homínideo.

Como meu objeto de estudo acabou se tornando – por escolha pessoal – os vestígios materiais das práticas funerárias pelo viés arqueológico, ou seja, os resíduos materiais da morte e das ações dos vivos em relação à morte e aos mortos, acabei me enveredando por entender os motivos e as razões pelos quais as diferentes sociedades do passado executavam tais atitudes.

Em um aspecto, os vestígios materiais do morrer e da morte se produzem *solo*. Todo ser vivo quando morre produz um resíduo material, cuja duração dependerá de fatores naturais e não culturais. O ser humano não é diferente. O corpo humano não é diferente. Formado por diferentes tipos de matéria orgânica, o processo de decomposição do corpo humano depende de

**DOI:** <https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.411>

**ISSN:** 2447-0244

vários fatores naturais que, na Arqueologia Funerária (SILVA, 2014; SOUZA, 2011; TACLA; SOUZA, 2024), são estudados pela denominada Tafonomia (STINER, 2008; SOUZA 2024b) e, de uma maneira mais abrangente, pela Bioarqueologia (BUIKSTRA; BECK, 2006; LARSEN, 2015; SOUZA, 2024a).

Contudo, todos esses processos que atuam e interferem na materialidade da morte também são observados em outras espécies de animais que, muitas vezes, os membros vivos executam ações em relação aos seus mortos que influenciam de forma direta nos fatores naturais de decomposição dos resíduos da morte, como por exemplo, a prática do enterramento dos seus indivíduos mortos.

A pergunta, então, que vem imediatamente nestes casos é: O que difere as ações dessas espécies de animais em relação às ações executadas pelos seres humanos em relação aos seus mortos?

Sobretudo do ponto de vista da Biologia, e mesmo da Arqueologia, inúmeras explicações foram levantadas para as mais variadas espécies animais, exceto os seres humanos, principalmente questões relativas à higiene e ao instinto de sobrevivência do grupo (NEVES *et al.*, 2020; SOUZA, 2022). Todavia, a característica fundamental, diferencial, específica da espécie humana reside na capacidade de atribuir significado simbólico aos vestígios materiais da morte e ao próprio morto em si, alcançando, em muitos casos, um mundo abstrato, inexistente, imaterial de crenças e aspectos rituais (NEVES *et al.*, 2020).

Esse aspecto único, intrínseco e particular do ser humano é, na verdade, o que nos torna humanos, é um dos aspectos que define a humanidade (NEVES *et al.*, 2020). As práticas funerárias são, portanto, um elemento de humanidade. As atitudes dos vivos em relação à morte, ao morrer e aos mortos resultam nos vestígios dessas práticas e elas são dotadas de significados simbólicos, intencionalidades e propósitos que somente os seres humanos são capazes de atribuir e abstrair na execução das ações (NEVES *et al.*, 2020). Tentar alcançar os significados das práticas mortuárias, os significados simbólicos da materialidade da morte é, portanto, o objetivo da Arqueologia Funerária, a fim de entender o que nos torna humanos (TACLA; SOUZA, 2024; SOUZA, 2022, 2018).

As concepções de morte, do morrer e dos mortos nas sociedades do passado, e consequentemente as atitudes dos vivos em relação a eles, são, evidentemente, distintas das nossas e dinâmicas. Elas variam de acordo com os momentos históricos vivenciados por cada sociedade inseridas em um determinado contexto sociocultural. Atualmente, o impacto, a difusão, a influência e o significado de determinadas práticas funerárias desde a implantação

do Cristianismo no Mundo Ocidental são tão marcantes que a pesquisa e o estudo sobre as formas mais variadas que as sociedades do passado possuíam de lidar com o morrer, a morte e os mortos e seus diversos sentidos ainda constituem um caminho árduo, desafiador, incipiente e, relativamente, recente no campo da Arqueologia e, até mesmo, das Ciências Humanas em geral.

A Arqueologia Funerária e seus diversos desdobramentos são expertises desenvolvidas com mais afinco nos últimos 60 anos e ainda constitui um campo a ser explorado e ampliado (SILVA, 2014; TACLA; SOUZA, 2024). Ela possui suas raízes, sobretudo durante a década de 1960, na denominada Arqueologia Processual ou Nova Arqueologia (BINFORD, 1971; SILVA 2014; TACLA; SOUZA, 2024), e se desenvolve com mais afinco na corrente arqueológica dos anos 1980, intitulada Arqueologia Pós-Processual ou Contextual (DUDAY, 2009; PARKER-PEARSON, 1999; SILVA 2014; TACLA; SOUZA, 2024). Seus desdobramentos atuais multidisciplinares abrangem perspectivas e abordagens da chamada Arqueologia Integrativa (MACKINNON, 2007; SOUZA, 2024a, 2024b, TACLA; SOUZA, 2024).

Confirme indicamos acima, a morte e o morrer dos seres humanos constitui um conjunto de três fatos principais: 1) fato biológico – trata-se do encerramento das funções vitais dos seres vivos; 2) fato social – trata-se da transformação dos papéis e das identidades (da *persona social*) dos indivíduos em vida e, agora, na morte e 3) fato cultural – trata-se das práticas rituais executadas pelos vivos em relação aos mortos.

Esse conjunto de fatos gera o que denominamos de cultura material de natureza funerária, ou contexto funerário, que compõe o objeto de estudo da Arqueologia Mortuária (SILVA, 2014; SOUZA, 2011, 2018; TACLA; SOUZA, 2024). É fundamental ressaltarmos que os resíduos físicos dos rituais fúnebres, além de variáveis, também possuem características bastante peculiares, as quais podemos descrever a partir dos seguintes aspectos:

- 1) **Fragmentário.** Todo registro arqueológico é formado apenas por uma parte, uma porcentagem do todo, do objeto. O contexto funerário não é diferente. A cultura material de qualquer natureza chega até nós por meio de seu aspecto fragmentado devido à ação dos processos naturais e culturais.
- 2) **Incompleto e parcial.** Os contextos funerários que escavamos, visíveis arqueologicamente, são apenas parte de um conjunto de ações e/ou rituais mortuários que integram um conjunto maior do universo simbólico humano, universo religioso, mundo de crenças, mas também universo cultural e social. Há várias outras ações que

fazem parte dos rituais fúnebres que não geram vestígios físicos, materiais, como por exemplo, a lamentação do morto no velório (com exceção, se ela for registrada iconograficamente, por exemplo, mas o gesto em si do choro, as lágrimas não resultam em resíduos materiais que podem ser identificados no registro arqueológico). Dessa forma, em muitos casos, os contextos funerários são incompletos. Além disso, essas práticas rituais podem ter significados relativos a um mundo abstrato de crenças que também não é representado em sua totalidade apenas por meio daquilo que chega até nós, que é visível no registro arqueológico. Trata-se de uma pequena parte desse mundo imenso de significados simbólicos e, portanto, de um vestígio parcial. Aliás, alcançar esse universo do simbólico por meio da materialidade da morte é uma das tarefas mais árduas da Arqueologia Funerária.

- 3) **Multifacetado.** O contexto funerário, como a própria denominação indica, trata-se de um tipo de cultura material diversificada, formada por vários tipos de registro arqueológico: remanescentes humanos, faunísticos e vegetais, artefatos (acompanhamentos ou mobiliário funerário), estrutura arquitetônica (arquitetura funerária – invólucro e sepultura) e pela própria espacialidade e a disposição dos vestígios na paisagem (topografia funerária). Dessa forma, ele possui um caráter multifacetado que, necessariamente, exige uma abordagem multidisciplinar de análise metodológica e o diálogo interdisciplinar de leituras teóricas de interpretação.
- 4) **Seletivo e Intencional.** As práticas rituais são sempre realizadas pelas vivos e, assim, são resultado da escolha e da intenção humana. Diferentes grupos, unificados por naturezas distintas, laços familiares e de parentesco, reais ou pretendidos, laços religiosos, econômicos e sociais, políticos, costumes e de ordem cultural em geral, definem, adotam e priorizam determinados rituais e ações em relação à morte e aos mortos que envolvem sempre manipulação, interesses e ideologias. Os usos da morte, do morrer e dos mortos são expressos por meio da materialidade das práticas funerárias. Uma visibilidade sempre seletiva e intencional e repleta de significados no mundo dos vivos.

Estar ciente de todos esses aspectos dos contextos funerários alerta os arqueólogos para a condição de que o estudo da materialidade da morte para entender o mundo dos vivos consiste em uma tarefa não direcional. A Arqueologia Funerária, portanto, é, em última instância, a busca da compreensão dos significados e das funções das práticas e das ações humanas em relação à morte, ao morrer e aos mortos. Tais ações são expressões simbólicas materializadas

que permitem compreender aspectos da sociedade do mundo dos vivos. Esses aspectos possuem um caráter dinâmico e polissêmico que possibilitam ao arqueólogo que se debruça sobre o estudo dos contextos funerários (re)construir elementos da história das sociedades do passado, sobretudo, durante os momentos de transformações e mudanças na estrutura social (modelo ideal da posição dos indivíduos na sociedade) e na organização social (realidade empírica da posição dos indivíduos na sociedade – para tal distinção vide Morris, 1987).

A variabilidade das práticas rituais adquire, assim, uma característica marcante entre as sociedades do passado e suas comunidades enquanto formas de manifestações identitárias de grupos específicos, locais, regionais, culturais, territoriais ou geopolíticas (SOUZA, 2021). Basta citar, por exemplo, um dos aspectos das exéquias referente ao tipo de tratamento do corpo dado ao morto durante o final do Período Geométrico na Grécia Continental, isto é, na segunda metade do século VIII AEC, entre 750 e 700 AEC. Em Atenas, observa-se uma grande quantidade de sepultamentos de adultos que são realizados segundo a prática da cremação para ambos os sexos (MORRIS, 1987; WHITLEY, 1991). Contudo, um número crescente de inumações em cistas em posição estendida (decúbito dorsal com os membros inferiores não flexionados) para a mesma faixa etária durante o mesmo período é claramente evidenciado (MORRIS, 1987; WHITLEY, 1991). Já em Argos, não há um único exemplo de cremação como tratamento do corpo dado aos adultos durante todo o Período Geométrico. Os adultos de ambos os sexos são inumados em posição contraída (decúbito dorsal com os membros inferiores flexionados para o lado direito ou para o lado esquerdo do morto) (SOUZA, 2011, 2018, 2019).

Quando comparamos estes dois exemplos evidentes com um outro caso emblemático da Grécia insular do mesmo período, o sítio de Eleutherna na ilha de Creta, notamos que a análise bioantropológica de 152 contextos funerários caracterizados como urnas do túmulo em câmara denominado A1K1 conduzida por A. Agelarakis (AGELARAKIS, 2005, 2016; SOUZA, 2024c), identificou a prática da cremação secundária realizada em piras construídas com pedras e madeira, onde um total de 141 indivíduos foram colocados em decúbito dorsal em posição estendida.

A grande maioria dos indivíduos cremados representava subgrupos de indivíduos do sexo masculino em idade adulta, sobretudo jovens, entre 18 e 25 anos. O cuidado e zelo extremo com o tratamento do ritual funerário também é evidenciado por meio da representação adequada dos elementos ósseos de toda a estrutura anatômica esquelética, por indivíduo humano, perceptível entre aqueles que por acaso foram mais bem preservados com menos impactos tafonômicos pós-sepultamento. Os elementos ósseos nas cremações secundárias depositadas

nas urnas compreendiam todos os domínios das áreas esqueléticas cranianas, axiais pós-cranianas e apendiculares, incluindo elementos ósseos maiores e também menores, como por exemplo ossos dos pés e mãos, e irregulares na forma que poderiam ter sido facilmente perdidos ou não selecionados se tivessem sido coletados por olhos e mãos inexperientes na pira.

A recuperação metódica dos elementos ósseos cremados na pira, apesar de um considerável deslocamento anatômico causado pelos efeitos da exposição ao fogo, reflete prontamente em um costume e prática de sepultamento profundamente enraizados nas normas culturais e rituais funerários de uma parcela da população de Eleutherna durante o século VIII e início do VII AEC.

A disposição dos remanescentes cremados nas urnas foi arranjada de acordo com princípios muito específicos, revelando o posicionamento do esqueleto de um indivíduo anatomicamente articulado semelhante à posição sentada ou em uma posição corporal ereta, com os ossos do pé dispostos na base do vaso, e progressivamente ascendendo aos ossos cranianos em direção ao pescoço e à borda do vaso, enquanto os ossos apendiculares são colocados verticalmente ao longo das laterais do corpo do vaso.

Eleutherna, um sítio localizado em uma área de contato, de interações e mobilidade tanto de objetos quanto de pessoas, ideias, *know-how*, técnica e tecnologia, crenças, costumes e comportamentos, demonstra claramente que um dos aspectos das práticas funerárias, isto é, o tipo de tratamento do corpo dado aos mortos pelos vivos – neste caso, uma associação entre a cremação e a inumação – atribui vida à “coisa material passiva” (o corpo do morto), os mortos “ganham vida” (SOUZA, 2024c).

O século VIII AEC consiste em um período de profundas transformações sociopolíticas que resultam no processo de formação e consolidação da pólis (SOUZA, 2011, 2019). Os exemplos da Grécia continental, Atenas e Argos, evidenciam de maneira explícita que as práticas mortuárias estão conectadas com os aspectos definidores das identidades locais e regionais políades e indicam, assim, as singularidades identitárias e as variabilidades das práticas dos rituais fúnebres.

O exemplo insular, Eleutherna na ilha de Creta, em contrapartida, revela também, por um lado, que a variabilidade nas práticas mortuárias assume sua peculiaridade em um contexto de interação e mobilidade (SOUZA, 2024c). Contudo, é exatamente a partir dele que é possível visualizar as similaridades e busca de uma identidade que é comum, unificada. Ele traz ao mesmo tempo, os elementos definidores da identidade helênica única, uma vez que a prática de enterrar o morto *per se*, o enterramento formal de uma camada da elite de cada pólis (em

construção), seja por meio da associação entre dois tipos de tratamento do corpo distintos, constitui um elemento fundamental no processo de configuração da estrutura política que configura uma das bases do mundo helênico que é a pólis, a cidade-estado grega (SOUZA, 2020a, 2020b, 2024c).

Dessa forma, em última instância, percebemos que as práticas mortuárias têm papéis cruciais na construção da *identidade helênica*, como um todo, e nas identidades de cada uma de suas *pólis*, tanto na Grécia continental quanto insular, durante o século VIII e início do VII AEC, período fundamental na configuração da estrutura histórica da *pólis* (SOUZA, 2024c).

Este breve exemplo e ensaio reflexivo como um todo nos permite concluir que os contextos funerários constituem, dessa maneira, expressões materiais de humanidade de autorrepresentação social, de reconhecimento social e prestígio, de legitimidade social e política de desigualdades de ordem social, política, econômica, étnica, de gênero, etária, de trabalho, religiosa ou identidade social. Correspondem a um processo de humanização único em que o ser humano busca incessantemente e incansavelmente a imortalidade, a perpetuação da memória individual, pessoal do morto, mas também de sua memória social, de sua memória coletiva e, evidentemente, sobrepujar o fato biológico da morte enquanto aniquilação da existência física do ser.

## SUGESTÕES DE LEITURA

NEVES, Walter; RAPCHAN, Eliane S.; BLUMRICH, Lukas. **A origem do significado. Uma abordagem paleoantropológica.** São Paulo: Editora Cutura Didática, 2020.

Trata-se de uma obra que discute os parâmetros que nos torna humanos do ponto de vista da Paleoantropologia. Quais são os registros arqueológicos e paleoantropológicos mais antigos desses elementos e quais são os critérios mais peculiares e representativos do que definimos como humanidade.

SOUZA, Camila D. de; TACLA, Adriene B. (Orgs.). **Dicionário de Arqueologia Funerária.** Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2024.

Trata-se de uma obra recente com verbetes em português sobre os vários campos da Arqueologia Funerária em que os autores e especialistas definem os conceitos, apresentam um breve histórico e panorama historiográfico sobre os mesmos e indicam uma bibliografia fundamental e crítica. Leitura indispensável para a disciplina e a área de pesquisa.

**REFERÊNCIAS**

- AGELARAKIS, Anagnostis P. **The anthropology of Tomb A1K1 of Orthi Petra in Eleutherna. A Narrative of the Bones: Aspects of the Human Condition in Geometric-Archaic Eleutherna**, Athens, 2005.
- AGELARAKIS, Anagnostis P. **A Dignified Passage Through the Gates of Hades: The Burial Custom of Cremation and the Warrior Order of Ancient Eleutherna**. Oxford: Archaeopress Publishing Limited, 2016.
- BINFORD, Lewis R. Mortuary Practices: their study and their potential. In: BROWN, J. (Ed.) *Approaches to the social dimension of mortuary practices*. *Memoirs of the Society for the American Archaeology*. **American Antiquity**, v. 36, n. 25, p. 6-29.1971.
- BUIKSTRA, Jane E.; BECK, Lane A. (Eds.). **Bioarchaeology: The Contextual Study of Human Remains**. Burlington: Academic Press, 2006.
- DUDAY, Henri. **The Archaeology of the Dead. Lectures in Archaeoethanatology**. Oakville: Oxford Oxbow Books, 2009.
- NEVES, Walter; RAPCHAN, Eliane S.; BLUMRICH, Lukas. **A origem do significado**. Uma abordagem paleoantropológica. São Paulo: Editora Cultura Didática, 2020.
- LARSEN, Carl S. **Bioarchaeology. Interpreting behavior from the human skeleton**. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- MACKINNON, Michael. "State of the Discipline: Osteological Research in Classical Archaeology." **American Journal of Archaeology**. Boston, v. 111, n. 3, p. 473-504. 2007.
- MORRIS, Ian. **Burial and Ancient Society. The rise of the Greek city-state**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- PARKER-PEARSON, Michael. **The Archaeology of Death and Burial**. Stroud: Sutton Publishing Ltd. 1999.
- SILVA, Sérgio Francisco S.M. da. 2014. **Arqueologia Funerária: corpo, cultura e sociedade**. Ensaios sobre a interdisciplinaridade no estudo das práticas mortuárias. Recife: UFPE.
- SOUZA, Camila D. de. Bioarqueologia. In: SOUZA, C.D. de; TACLA, A.B. (Orgs.). **Dicionário de Arqueologia Funerária**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, p. 51-66, 2024a.
- SOUZA, Camila D. de. Tafonomia. In: SOUZA, C.D.de; TACLA, A.B. (Orgs.). **Dicionário de Arqueologia Funerária**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, p. 87-98. 2024b.
- SOUZA, Camila D. de. The walking dead: Identity, variability, and cultural interactions of funerary behaviors between Crete and mainland Greece during the Early Iron Age (11th to 8th BC). **His Arch & Anthropol Sci**, v. 9, n. 1, p. 29-34. 2024c.

SOUZA, Camila D. de. A morte na Proto-história do Mediterrâneo Antigo e a Arqueologia: os vestígios materiais das práticas rituais mortuárias. In: FABRO, J. (Ed.). **Arqueologia das terras bíblicas: lugares, povos, culturas**. São Paulo: Tiki Books / Dabar Arqueologia, p.107-149. 2022.

SOUZA, Camila D. de. A morte no passado e a vida no presente: contribuições do estudo da variabilidade das práticas funerárias. In: ASSUMPTÃO, L.F.B.; CAMPOS, C.E.C. (Orgs.). **Caminhos da Aprendizagem Histórica: Ensino de Pré-História e Antiguidade**. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UFMS, p. 18-30. 2021.

SOUZA, Camila D. de. Os rituais funerários na Grécia Antiga: construindo a memória (i)material. In: SOUZA, C.D.; SILVA, M.A.O. (orgs.). **Morte e Vida na Grécia Antiga: olhares interdisciplinares**. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí (EDUFIP), p. 312-343. 2020a.

SOUZA, Camila D. de. Ser ou não ser grego: morte e identidade na Grécia Antiga. In: COSTA, P.F.; COSTA, A.C. (orgs.). **Cadernos da Casa-Museu Ema Klabin 2**. São Paulo: Fundação Ema Klabin, p. 184-195. 2020b.

SOUZA, Camila D. de. Aspectos da construção do espaço funerário no mundo Grego do Período Geométrico (entre 900 e 700 a.C.). / Aspects of the construction of the funerary space in the Greek world during the Geometric Period (from ca. 900 to 700 B.C.). In: FLORENZANO, M.B.B. (org.). Khorion - XΩPION. **Cidade e Território na Grécia Antiga**. São Paulo: FAPESP, Intermeios, 2019, p. 261-306. 2019.

SOUZA, Camila D. de. A morte lhe cai bem. Reconsiderando o significado do mobiliário funerário na construção do prestígio social. In: RODRIGUES, C.; NASCIMENTO, M.R. DO (éd.). **Arqueologia Funerária, Performance, Morte e Corpo**. **REVISTA M. – Dossiê 6: v. 3, n. 6, jul./dez. UNIRIO**, p. 263-287. 2018.

SOUZA, Camila D. de. As Práticas Mortuárias na Região da Argólida entre os séculos XI e VIII a.C. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia MAE / USP**. Suplemento 13. São Paulo: Imprensa Oficial. 2011.

STINER, M.C. TAPHONOMY. In: Deborah M. Pearsall (Ed.) **Encyclopedia of Archaeology**. New York: Academic Press, v. 3, p. 2113-2119. 2008.

TACLA, Adriene B.; SOUZA, Camila D. de. Arqueologia Funerária. In: SOUZA, C.D. de & TACLA, A.B. (Orgs.). **Dicionário de Arqueologia Funerária**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, p. 15-24. 2024.

WHITLEY, James. **Style and Society in Dark Age Greece**. The Changing Face of a Pre-Literate Society 1100 - 700 B.C. Cambridge: Cambridge University Press. 1991.